

Ricky — Como é o nome todo de vocês?
ANICETO — Nome português é Aniceto nome indígena é Tsudzawéré. O dele é Tobias Tsérenhi-mi'rami.
 Sérgio Augusto — Esses nomes têm algum significado?
ANICETO — Muito complicado pra traduzir.
 Vera — Quem te botou o nome de Aniceto?
ANICETO — Fui eu mesmo que escolhi. Pra ser chamado Tobias em português foi ele que escolheu.
 Jaguar — Com quantos anos você escolheu este nome?
ANICETO — Dezoito.
 Jaguar — Vocês são de que tribo?
ANICETO — Sou da tribo de Xavante puro. Ele também.
 Jaguar — Quantos homens existem na sua tribo?
ANICETO — Mil e tantos só na minha aldeia.
 Ricky — Que fica onde?
ANICETO — Colônia Indígena São Marcos, da Reserva de São Marcos, Mato Grosso. Minha aldeia é principal e mais numerosa da Reserva.
 Jaguar — Qual é a cidade de branco mais próxima?
ANICETO — Barra do Garça. Pra minha aldeia é 133 quilômetros.
 Jaguar — Nessa reserva ainda tem bastante caça e pesca?
ANICETO — Não é muito não. Antes de sair da reserva já tem tanto fazendeiro que a caça é muito pouco.
 Jaguar — E o peixe?
ANICETO — Peixe também. A água do Rio de São Marcos é limpinha mas a água do Rio da Morte não presta mais. Agora índio está fazendo mais roça. Planta feijão, planta milho de toda qualidade: branco, roxa, vermelho amarelo e preto. Espiga é tamanho assim. (mostra)
 Sérgio — A tribo do Cacique Juruna é perto da sua, né?
ANICETO — É mesma reserva.
 Sérgio — Quando você vai a Brasília também leva gravador?
ANICETO — Pra mim não interessa. Pra mim interessa agüentar e lutar. Uma vez levei, mas atrapalha... segurar na mão e segurar papel... (mostra como se atrapalhou). Juruna usa o gravador porque não sabe tomar nota, então precisa gravar as promessas. As promessas do homem branco não valem nada. Palavra é gostoso mas pra fazer... É por isso que está usando esse gravador pra documentar. Depois vai ligando: "Cadê este que você prometeu? Dia tal o senhor falou assim assim, não é?"
 Jaguar — Qual é a sua idade?
ANICETO — 38.
 Sérgio — E a do Tobias? Ele fala português?
ANICETO — Alguma coisa. 39 anos.
 Jaguar — São parentes?
ANICETO — Primo.
 Ricky — Como é que você foi escolhido chefe?
ANICETO — Isso daí não adianta nem perguntar. Isso é a vida do branco, é muito complicada. Fazer eleitor não é da nossa vida. É a comunidade que já sabe, das lutas pra defender a aldeia. Não é que vou entrar assim. A comunidade resolve.
 Jaguar — Escolhe o mais inteligente ou o mais forte?
ANICETO — Não precisa ser mais forte mas saber lutar, fazer tudo, respeitar.
 Jaguar — É o que tem pinta de líder mesmo.
 Ricky — Você foi cacique com quantos anos?
ANICETO — Primeiro fiz treinamentos. Movimentei de 60 a 63. Ai outros treinamentos até 75. Ai começo a chefiar o tribo.
 Sérgio — Como é feito esse treinamento?
ANICETO (reticente) — Não dá pra explicar. É complicado, né.
 Ricky — Tem alguma pessoa ou grupo de pessoas que te ajuda como chefe?
ANICETO — Mas é, tem o Conselho. Também tem o que comanda a festa.
 Vera — Quais são as festas de sua tribo?
ANICETO — Muitas. Tem a Festa da Luta, a Festa da Corrida de Toras de Buriti, a Festa da Furação da Orelha, a Festa da Briga dos Meninos, a Festa da Onça, a Festa de Nome das Mulheres. Se eu ficasse aqui falando um dia todo ia dizer sobre festas.
 Jaguar — Você é bom na corrida do buriti?
ANICETO (continua reticente em falar sobre si mesmo) — Mais ou menos...
 Sérgio — Qual é sua especialidade? É bom de quê?
ANICETO — Bom, vou fazer pergunta a senhor: qual é que o senhor é bom? (ri)
 Sérgio — Só em escrever.
 Alfredo Gonçalves — Tobias é bom em alguma coisa?
ANICETO — Bom pra caçar e bom pra trabalhar.
 Jaguar — O que é que vocês vieram fazer no Rio de Janeiro?
ANICETO — Vim trazer duas pessoas para visitar as famílias que estão tratando aqui no Rio. Também aproveita pra trazer o artesanato e vender no Rio.
 Jaguar — E tá vendendo?
ANICETO — Estou vendendo, mas é resto. Ainda têm colares, arcos, cocares, bordunas, cabacinhas e duas bolsas quadradas.
 Jaguar — Onde é que a gente pode comprar essas coisas?
ANICETO — Vendo na casa de amigos.

Normalmente os assuntos silvícolas são tratados neste jornal pelo nosso expert Edison Martins. Mas no momento em que adentraram na redação o cacique Aniceto e seu primo Tobias, o Edison estava no Xingu testemunhando in loco a destruição do Parque. Tentamos localizar em vão nosso amigo Nunes Pereira. De maneira que os xavantes foram entrevistados pelo Rick, remoto descendente do general Custer, pelo Sérgio Augusto que de índio só conhece — através dos filmes de John Ford — comanches, apaches, cheyennes e mescaleros e eu que em matéria de caciques, transe mesmo é com os Caciques de Ramos. A nosso favor diga-se que estamos com Aniceto e Tobias — e toda a comunidade índia — na sua luta contra essa coisa que será uma vergonha nacional se for concretizada: a Emancipação do Índio. Somente Aniceto falou — e tomou notas durante a entrevista — enquanto Tobias só escutava e de vez em quando levava um pão com o cacique em dialeto. — (Jaguar)

TOBIAS, ANICETO E SÉRGIO AUGUSTO VISIVELMENTE DESANIMADOS COM O TRATAMENTO QUE OS ÍNDIOS BRASILEIROS TEM RECEBIDO DAS AUTORIDADES




DOIS XAVANTES NA RESERVA DO PASQUIM

Jaguar — Pensei que vocês tivessem vindo para falar sobre a Emancipação.
ANICETO — Mas para falar da Emancipação é na Brasília. Já falamos três vezes.
 Jaguar — Com quem?
ANICETO — Com Ministro e Presidente da Funai. a última viagem foi depois de um encontro que fizemos com tribos do Brasil inteiro pra discutir esse problema da Emancipação e da reserva que não tá respeitando. Tão fazendo desrespeito com reserva indígena do Brasil inteiro. Tudo isso nós fizemos documento pra entregar ao Presidente da República. Outras cópias pra entregar ao Rangel Reis, Ministro do Interior. Outras cópias pra entregar ao Presidente da Funai.
 Jaguar — Mesmo só podendo resolver em Brasília é importante falar sobre isso em todos os lugares onde vocês estiverem.
ANICETO — Mas é, há gentes de confiança que apóia o índio, pra fazer o benefício do indígena, defender o índio, que sempre agradece. Todas as comunidades agradece quem defende o índio.
 Jaguar — O que você acha desse Projeto de Emancipação?
ANICETO — Todas tribos ficou estranhando, não é? O índio não tá preparado pra viver como branco. Não tem profissão pra viver como branco. Índios quer viver com união, com a cultura própria, com a tradição, quer continuar a viver com liberdades, com alegria. Mas acontece que o Ministro Rangel Reis fez esse decreto e ficamos muito estranhando. Ficamos assustados. Com nossa obrigação de responsável da tribo não podemos parar e ficar quieto, tem que correr urgente contra essa Emancipação. Encontrei nos jornais que o Ministro vai apresentar esse Decreto pra fazer a assinatura e fique magoado. Fiquei muito triste. Logo que entrei no prédio da Funai mostrei:

“Que é isto”? “É o regulamento da Emancipação que o Ministro tá fazendo projeto.” Bom, por que não faz convite de todos os chefes da tribo? É só o governo que está mandando, fazendo desrespeito com a autoridade do indígena? Não é melhor chamar todos os chefes das tribos e perguntar qual é a que aceita a Emancipação? Porque a maioria de aldeias não sabe viver como branco, não sabe de prática, não tá preparados, não tem profissão, não tem salários. Não dá pra emancipar mais cedo. A SUNAM não vai dar mais nem a terra nem a reserva. A terra do indígena não tem mais segurança. A Emancipação só vai prejudicar a terra do índio, e a saúde, e a educação, e fazer todos desrespeitos. Depois da Emancipação é a gente rica que entra na aldeia. É o branco, o fazendeiro. Não é o pobre. Índios vai reclamar. Então o que acontece? O branco vai aborrecer com a reclamação do índio: “Você não tem mais direito de reclamar. É ordem do governo. Você já foi emancipado”. O branco pode fazer qualquer jeito: ou briga com índios ou faz processo com índios pra botar na cadeia. Por tudo isso nós estamos muito preocupados com nossos tribos.
 Ricky — Quer dizer que não pediram a opinião de nenhum índio pra fazer esse Projeto?
ANICETO — Não.
 Ricky — Quem foi que fez?
ANICETO — Advogados da Funai. Departamento Jurídico da Funai. Antropólogos do Ministro. Com ordem do Ministro.
 Vera — Como é que vocês conseguiram se encontrar com os chefes das outras tribos?
ANICETO — O índio faz convite, né, manda carta, pra acertar onde vai ser Assembléia. Índio já sabe escrever, então sabe se fazer comunicar. Todos os responsáveis da tribo... pode ser o Tapirapé, o Guajajara, o Nonoai, o Cainguangue, o Pareci, o Carajá-Xerém, outras tribos...

Jaguar — Vocês estão sempre em comunicação.
 ANICETO — Mês de Fevereiro de 77 fiz convite e marquei: reunião vai ser dia quinze mas dia 10, 12, pode aparecer alguém. Esparramei todos esses convites.

Jaguar — Todos apareceram?
 ANICETO — Onde tem posto da Funai proibiram pra não aparecer. Pra não aprender como nós lutamos.

Vera — Agora teve outra reunião em Goiás.
 ANICETO — Sim, em dezembro Daniel do Pareci fez convite. Eu vim com Tobias e mais uns outros. Veio também pessoal do Nonoi, do Caingangue, do Amapá, todos tribos do Amazonas. Falamos sobre o problema da terra e da Emancipação.

Ricky — Na sua aldeia tem tido problema de invasão de terra?

ANICETO — Este ano, ano passado também, não tivemos muito problema. Reclamei quatro vezes de invasão. O General Ismarth responde que está encaminhando pra mandar embora o fazendeiro. Tem um gaúcho que fez invasão. Fiz a reclamação em Brasília e mandou grupos pra ver a divisa das terras. Voamos duas vezes. O gaúcho fez picadas pra formar a fazenda.

Jaguar — Fazenda de quê?

ANICETO — De criar gado, de ração para fazer a estoca. Mês de março deste ano vim atrás do projeto do material. Fizemos este projeto desde 76, repetimos em 77, mas não resolveu nada. Então vim perguntar: "Cumé? Quando é que vai aparecer a máquina de costura pra minha aldeia? Quando é que vai resolver?" "Ah, isto é difícil, tem que esperar que o governo libera verba, aí dá pra resolver tudo isto". Bom, não tenho mais paciência, já passou dois anos. Hoje é 79. As promessas, têm que cumprir. Por que não cumpre? Todo homem tem que cumprir sua obrigação. Por que a verba que tem o nome do índio acaba logo quando chega no índio? "Ah, o Brasil é grande, não é só Xavante que existe, tem muito índio que sofre com saúde, que não tem educação, não tem a terra." Bom, escuto essa palavra, né, mas não tá tratando bem do índio. Onde o índio vive, no posto não tem sala de saúde nem de educação. O chefe do posto não liga. Coça a barriga, recebe comunicação e escreve resposta. Depois vai almoçar. Depois deixa pra descansar. Espera o pagamento. Não faz orientação pra aprender o indígena. Por isso não acredito

que o Brasil é grande que a verba não dá pra todo o Brasil, porque o funcionário da Funai tá tomando todo o dinheirinho do índio. Aí vem falar: "Ah, você tá falando com calúnias aí, você nunca viu que a Funai tá escondendo dinheiro." Não é que estou falando com calúnias. Quantas vezes a Funai tá viajando pra Rio, pra São Paulo, voando de avião pra fazer bobagem? Em lugar de fazer o bem pro índio vai viajando e gastando. Avião é caro. O funcionário da Funai vai depositando dinheiro, vai comprando fazenda.

Vera — Os funcionários da Funai compram fazendas na terra que é do índio?

ANICETO — Não, com a verba que é do índio.
 Jaguar — Vocês não seriam muito mais felizes sem Funai nem homem branco?

Ricky — Hoje os índios dependem de várias coisas fornecidas paternalisticamente pela Funai.

ANICETO — Sim, mas antigamente, antes de contatos, nós vivíamos feliz. Não tem confusão. Não conhecíamos doentes. Não tem bagunça, né. Naquele

Minha família não deixa sair pra cidade. Branco é muito sem vergonha.

tempo nossos pais e avós defendem a terra mesmo. Nossos pais é que erraram de querer pacificar o branco. O branco diz que sertanista tá pacificando o índio. Não é. Índios procura de pacificar o branco. Vai dar o sinal com a flecha. Dá o presentinho pro branco que vai gostar e fazer amizade.

Ricky — O índio não devia ter aceito os contatos?

ANICETO — Não devia aceitar. Hoje não tem mais a terra pra viver como antigamente. A terra é redonda mas índio só tem quadrado pra viver. Por isso é que hoje precisamos quem sabe tratar de saúde, quem sabe dar aula pra crianças, e também precisamos da Funai. E a Funai precisa da nossa confiança. Sem nossa confiança não pode entrar na aldeia. Na minha aldeia não tem funcionário da Funai.

Ricky — Tem um posto da Funai pra cada aldeia?

ANICETO — Cada aldeia tem posto mas na minha aldeia não existe isso.

Jaguar — Porque vocês não querem ou porque a Funai não mandou?

ANICETO — Porque não queremos. Já tem a missão do padre, né. Católicos mas é Congregação Salesiana.

Ricky — Esse trabalho dos padres mais atrapalha ou mais ajuda os índios?

ANICETO — Não atrapalha. Quando precisamos os laboratórios deles sempre aberta. Pra dar aula pras crianças as portas sempre abertas. Quando precisamos estão sempre prontos.

Ricky — O governo e a Funai dizem que os padres atrapalham.

ANICETO — Atrapalha é pra eles. Pra nós ajuda. Pra nós atrapalha o funcionário da Funai que entra.

Jaguar — Qual é sua opinião sobre os Irmãos Villas-Boas?

ANICETO — Bom, não fiquei nenhum tempão com eles pra ter um conhecimento melhor, né.

Jaguar — Conhece Darcy Ribeiro?

ANICETO — Primeira vez que ouve este nome é

este ano mesmo. Ouvei de seu movimento, que está ficando do lado do índio.

Alfredo — Conhece Apoena Meireles, novo diretor do Parque do Xingu?

ANICETO — Vamos ver. Tá fazendo convite para nós ir a Xingu.

Ricky — O que você achou do Olímpio, o diretor que saiu?

ANICETO — Esse é homem sincero mesmo. Tem vontade pra encaminhar o índio.

Alfredo — Deve ser por isso que foi afastado.

Sérgio — Quando foi o primeiro contato da sua tribo com o branco?

ANICETO — Em 52 chegou a vida complicada.

Sérgio — Como era a sua vida antes do branco chegar?

ANICETO — Antigamente o índio tinha liberdade. Índio tem roça própria, planta o milho próprio, mandioca própria, abóbora própria, feijão próprio, nosso mesmo milho. Antigamente sempre produz, e quando termina vai caçar. Índio tem profissão pra fazer



CASA DO ÍNDIO (DESAMPARADO)

No poluído bairro da Ribeira — Ilha do Governador, Rio —, ao lado da falida fábrica da Dunorte, existe uma casa com quatro quartos. Esses quatro quartos estão ocupados, hoje, por 33 índios com doenças que variam entre câncer labial até arteriosclerose aguda. Estamos na Casa do Índio.

A Casa do Índio pertence à Funai, e para lá são encaminhados os doentes incuráveis para a medicina de aldeia e até mesmo para o INPS. São casos gravíssimos e envolvem índios de todas as idades, de todas as tribos, de todas as tendências culturais. Eles são trazidos de todas as aldeias do país e são tratados pela Previdência Social, e durante o tratamento ficam hospedados na casa. Muitos deles já estão prati-

camente emancipados, violentamente emancipados, como é o caso de Argemiro, Guarani do Paraná, que foi trabalhar como servente na City, Instalações Hidráulicas. Um acidente fez com que ele acabasse soterrado juntamente com um colega que morreu. Ao ser socorrido com vida, Argemiro não se convenceu e pensa, até hoje, que está morto já que para ele depois que o homem é enterrado sua vida acaba. Ele está em tratamento psiquiátrico no Rio.

Everaldo é da tribo dos Colorados e está paralítico. Partiu a coluna vertebral na aldeia e fala bem o português. Passa a maior parte do dia na varanda da Casa do Índio e conversa conosco sem medo. Fala bem da casa e só reclama do calor, dos mosquitos e do barulho. Diz que

Reportagem de Luiz Antonio Mello e César Motta
 Fotos de Alex Mariano Franco

ca,ada. O branco tem profissão pra trabalhar, pra ganhar dinheiros. Tem profissão de motorista, de gerente de banco, de vaqueiro. O índio tem profissão pra caçar. É a liberdade, né. Antigamente também não tem tosse, nem o sarampo, nem o catapora, nem o tuberculoso, nem o diarreia, nem a vista doente, nem outro doente. Em 51 o branco do Couto Magalhães atacaram a aldeia. Morreu nossos cunhados e nossas irmãs e a mãe dos cunhados. Todos os sobrinhos, toda a família, mataram todos. O que que acontece? Foi chamado a aldeia principal e foi gente pra apoiar a outra aldeia. O branco correu, já foi faz tempos, então índio foi atrás pra vingar, né. Não fazia acampamentos não escapava ninguém. Assim chegaram os micróbios. Veio o tosse e os doentes que nós não conhecíamos. Porque em 48, muito antes do contato, vem um grupo de branco abrir picadas. O guerreiro não pára, sempre rodando pra ver as coisas que vai acontecer, então guerreiros contou todos: "Eu encontrei picadas. Encontrei também o branco. E também animal". Era cavalos. O guerreiro foi, faz a luta. O branco vem atirando. Recebeu flechada no peito. O índio matar todos os cavalos. O índio não receber nenhum tiro, nem no braço nem na cabeça. O Branco percebeu que os cavalos já tá tudo morto, mesmo dia foi embora, carregando que recebeu a flechada. O que que acontece? O micróbio do cavalo chega na aldeia e morre muito índio, muito velho, moça e menino. Morre com a doença do branco. Tudo isto estou lembrando mas lembro também nossas histórias de como o índio vivia antigamente. Por isso não temos confiança no branco. Mas tem a confiança em quem já deu exemplo que não quer mal ao índio.

Vera — O que é esse papel na sua mão?

ANICETO — (desdobra o papel e mostra) É a assinatura de Oscar Jerônimo Madeira de Mello, presidente da Funai naquele tempo, e outra assinatura de Ismarth Araujo Oliveira.

Ricky — (lendo o documento e explicando) Pra uma fazenda poder se estabelecer tem que fazer um requerimento à Funai pra que esta lhe dê um "nada consta" de índios na área que quiser comprar. Este é um documento do General Bandeira deferindo o pedido da Fazenda Xavantina, dizendo "não haver conhecimento de aldeamentos indígenas na área interessada, localizada no município de Barra do Garças, estado de Mato Grosso".

Vera — Esta terra é da aldeia de Aniceto.

ANICETO — Sim, é terra de índio.

Jaguar — Onde está esse Couto Magalhães que em 51 atacou uma aldeia e matou seus parentes? Está solto este assassino?

ANICETO — Sumiu pelo mundo. Mas veio a vida do branco. Depois que branco chega local não pára mais. Índio tem que fugir pra não ser castigado.

Jaguar — Alguma vez você pegou doença de branco?

ANICETO — Muitas vezes. Sarampo. Gripe várias vezes. Mes passado teve atrapalhado o fígado.

Vera — Agora está com tosse.

ANICETO — Domingo agora secou minha garganta. Segunda-feira vem tosse o dia inteiro.

Walter Ghelman — Como foi que você sarou do sarampo?

ANICETO — Com tratamento nossos mesmo. Sarampo veio em 49 e matou meu pai.

Jaguar — Você tem quantos filhos?

Nossos pais é que erraram de querer pacificar o branco.

ANICETO — Cinco.

Jaguar — Alguma vez eles saíram da aldeia?

ANICETO — Minha família eu não deixo sair pra cidade. Não quero que venha mal pra minha filha. A vida do branco é muito complicada. Branco é muito sem vergonha. Por isso não posso levar pra cidade. Levo um dia, dois dias, depois família vai querer mais, né. Vai acostumar. Eu estou aqui no Rio pra trazer visitas de famílias, não é minha vontade. Aldeia é muito parada e índio não sabe prática de andar na rua.

Jaguar — Você conta pra eles como é aqui fora?

ANICETO — Conto.

Jaguar — De onde você gosta mais: Rio ou Brasília?

ANICETO — (sorri). Nem aqui nem Brasília nem Barra do Garças nem Goiânia.

Jaguar — O que você achou da praia aqui?

ANICETO — Para mim não é alegria, não é nada.

Jaguar — Foi ao cinema?

ANICETO — Não.

Jaguar — Viu televisão?

ANICETO — Ontem à noite vi televisão do filme com índio da América. Fiquei magoado. Nós somos índios, né. O branco toma a terra com raiva do índio. O branco toma dinheiro do índio. O branco toma revolver do índio pra não defender porsí. Mas índio assim mesmo dá o jeito pra defender. Ai mataram todos o índio.

Alfredo — O processo do índio americano foi parecido com o que vai ser implantado aqui. O índio foi emancipado, não conseguiu se adaptar, e depois de algum tempo o homem branco foi lá e comprou as suas terras.

Ricky — Se aparecesse alguém com muito dinheiro vocês venderiam suas terras?

ANICETO (irritado só de pensar) — Não.

Ricky — Se for preciso o índio usa a força pra defender a terra?

ANICETO — Mas é, até hoje ninguém quer dar nem um pedacinho pro branco. Nem pra vender. Mais tarde, não sei dizer pra vocês. Depois da morte... Estou com gripe no Rio. Pode ser agora. Pode ser na viagem. Ai outra pessoa cacique. Mas no meu tempo não acontece nada de força. A gente rica tem a pistola e me mata. Paciência. E outro que faz vingar, não é mais eu. Mas ai perde a razão. Índio usa força, perde a razão.

Jaguar — Por que a força do branco é muito maior.

Vera — Você está com saudade da família?

ANICETO — Bom, estou preocupado principal com aldeia. Que que está acontecendo lá? Minha aldeia me faz falta. Sai de lá dia 12 de dezembro.

Ricky — Você acha que consegue evitar que sua família vá viver na cidade?

ANICETO — Não sei.

Ricky — O que você vai fazer se for "emancipado"?

ANICETO — (de saco cheio) — Emancipação? Não quero mais nem ouvir falar.

Sérgio — Você não tem esperanças nesta luta contra a Emancipação?

ANICETO — Sempre não é minha palavra que estou confirmando mas de toda a comunidade. Não precisamos de Emancipação. Pra fazer isso é só depois dos 200 anos. Antes não deve emancipar o índio. Índios tem que viver como índio, morrer como índio, e não como branco.

os índios se dão bem ali e os contrastes culturais desaparecem com a situação comum que é imposta a todos, mas "somente os xavantes se mostram fechados mas tratam a todos muito bem". Aliás, a casa abriga também um menino Xavante de 13 anos que nasceu sem a tireóide, e seu comportamento e estatura são de uma criança de 7. O menino Xavante é extremamente educado e quando chegam as visitas, por mais estranhas que elas sejam, ele é o primeiro a querer brincar, o primeiro a querer acariciar.

Mas o que é a Casa do Índio? Como funciona? A dona Eunice Cariri é técnica indigenista há 20 anos, segundo ela mesma. Ela tem sobre si a responsabilidade de dirigir a casa, suja, pequena e carente de recursos. Recursos esses que para Dona Eunice são suficientes, opinião que deve ser idêntica à da cúpula da Funai, proprietária da área. A Dona Eunice se orgulha em mostrar relatórios e fotos sobre as evoluções clínicas dos 1.600 índios que já passaram pela casa em seus dez anos de existência. Ela diz que os índios têm liberdade de ir a praia e passear pelas redondezas, e ao ser indagada sobre o problema de fugas respondeu, tranqüila, que "a PM logo prende e devolve". Sobre as varias tendências culturais, os vários hábitos mesclados numa casa nessas irrisórias proporções, dona Eunice diz que "nós tentamos fazer com que o costume de cada índio seja preservado. Tem índio que dorme em rede, nós damos a rede. Outros no chão e alguns, apenas sobre os estrados das camas, e por aí vai". A partir desse dado os leitores podem especular sobre o que é a programação e disposição dos móveis no interior da casa, que por sinal, não pode ser fotografada. A Dona Eunice achou que fotografar a casa por dentro, a partir da sala, poderia causar a impressão de falta de higiene e



acomodações razoáveis, e, na realidade, existe falta de higiene e acomodações decentes.

Os índios com quem conversamos, em sua maioria, querem voltar às tribos, querem a selva, e fala-se que um deles, praticamente curado, está cursando o 2º grau para tentar uma faculdade de medicina mais tarde. Depois de formado pretende voltar à aldeia para ajudar a seus semelhan-

tes. A Dona Eunice não quis falar sobre o projeto da emancipação, mas orgulhou-se em dizer que um dos índios que passava ao longe pretende trabalhar com computadores eletrônicos.

A Casa do Índio, como os albergues da Fundação Leão XIII (que abrigam favelados), é triste e denuncia a situação caótica que ronda o setor. Mas a Dona Eunice se orgulha dela e

demonstra prazer em executar, mesmo a duras penas, o seu trabalho. Um trabalho numa casa onde há de tudo para chegarmos aqui e metermos o pau, o que não iria melhorar coisíssima alguma. Preferimos então deixar que as fotos de Alex Mariano Franco, limitado pela intensa fiscalização, mostrem a tristeza reinante na casa da Ribeira. Uma tristeza que rosto índio nenhum deixa de denunciar.